

o Libertário

**LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.**

Solução Social-Libertária da Reforma Agrária

Os dominadores da sociedade brasileira estão asseverados com a gravidade da calamitosa situação reinante no País — criada por sua incapacidade na direção dos destinos da vida coletiva e agravada pelos descalabros da sua atuação na administração pública.

E, sentindo-se preocupados e temerosos ante a maré montante do justo descontentamento do povo — põem-se a proclamar a necessidade de reformas de base — sem que, entretanto, cheguem a positivar de que natureza seriam essas reformas basilares, julgadas de urgente execução.

Não podendo, logicamente, executar uma reforma que, de fato, fosse de base, pois, se o fosse, teriam de atingir os intocáveis privilégios dos potentados que dominam o Brasil — apegam-se a paliativos, projetando a execução de anódinas medidas reguladoras de certas atividades nos setores das finanças, da produção e do consumo.

Dentre essas anunciadas medidas destacam-se — colocando-se em primeiro plano — a reforma agrária — que constitui hoje um dos mais debatidos problemas da vida brasileira — e isso porque a gente do campo, multiseccularmente abandonada em sua vida de penúrias e miséria, começa a agir de maneira a pôr em sobressaltos os potentados exploradores de seus sacrifícios.

Torna-se, assim, a reforma agrária a panacéia com a qual se pretende curar um dos principais males da vida social-brasileira — passando, por isso, a ser explorada como precioso filio aurífero, por todos os setores da política que avassala a vida pública do País.

Todas as agrupações políticas, não apenas aquelas que exploram os setores populistas, mas também as que reúnem a "fina-flor" do conservadorismo burguês, todos se apresentam como propugnadores da reforma agrária — que se tornou igualmente precioso elemento de demagogia eleitoral.

Desconhece-se, esquece-se, despreza-se um elemento essencial na apreciação desse problema: que a solução da reforma agrária faz parte integrante da tão falada reforma de base, isto é, de uma reforma estrutural da organização social do Brasil, político-econômica e administrativa.

Pretender-se, portanto, solucionar o problema agrário com a desapropriação de algumas propriedades rurais e dividi-las por certo número de camponeses, não passará de paliativo. Com isso apenas se conseguirá multiplicar o número de pequenos proprietários — escravizados à usura do fisco, à ganância dos intermediários e atravessadores, da concorrência dos potentados da vida agrária, além das dificuldades de ordem econômico-financeiras, da carência de aparelhamento eficiente etc.

Nada disso importa aos dominadores da situação, preocupados apenas em tangenciar o problema aplicando cataplasmas em pernas de pau...

Entretanto, já que deve a solução caracterizar-se por uma reforma de emergência, que essa reforma seja a mais racional possível, baseada numa estruturação que possa ser uma preparação para a verdadeira transformação estrutural da sociedade brasileira — para a qual os acontecimentos indicam que estamos caminhando — e que se fará, apesar de todos os óbices que os elementos reacionários lhe possam opor.

Os libertários, têm uma concepção precisa da remodelação das bases da sociedade, e a luta em que estão empenhados objetiva essa radical remodelação social, não dizendo, entretanto, de participar ativa e diretamente de todos os movimentos reivindicatórios do povo, procurando

contribuir para que todas as conquistas populares tenham o maior alcance possível no sentido da completa emancipação.

Essa é a atitude do movimento libertário brasileiro em face do problema rural, para cuja solução apresentaram ao exame do povo um plano que julgam o mais consentâneo possível com as exigências de uma reestruturação racional.

É um esquema de organização baseado na solução lógica do problema — que será a socialização, mas que também poderá servir de base para uma reforma de emergência.

É um trabalho organizado de acordo com a realidade brasileira e que poderá ser adaptado de acordo com as exigências de cada zona do País.

Foi ele entregue ao estudo de todos aqueles que sinceramente desejam encontrar solução para os problemas brasileiros.

Nesse trabalho — publicado no número de 1.º de maio de 1962 de "O Libertário" — ficou cabalmente demonstrada a impropriedade de qualquer medida paliativa, pois somente na base estrutural da sociedade será encontrada a única solução do problema — a socialização da vida rural.

São valiosos e inumeráveis os trabalhos em circulação evidenciando, de maneira irrefutável, que a causa verdadeira das crises — tornadas permanentes — na vida rural reside no sistema capitalista da produção e da distribuição dos bens de consumo. Não se produz para atender diretamente às necessidades do povo. A produção não é orientada com a precípua finalidade de satisfazer as exigências do consumo da população.

Produz-se e distribui-se a produção de maneira a dar lucro, a render. Dar lucros, dar renda ao intermediário, ao atacadista, ao comissário, ao açambarcador, ao varejista, ao fisco, etc. É esse lucro, essa renda de onde é tirada? Do consumidor, do povo.

A prova disso? Temó-la aí, ao dispor de todos, no noticiário de agora. Ainda presentemente, pretendeu-se justificar o encarceramento criminoso das utilidades alimentares com a alegada escassez da produção agrícola. Agora noticia-se que as próximas safras de todos os produtos da alimentação serão abundantes.

Logicamente, essa notícia deveria causar geral satisfação. Com as safras satisfatórias haveria a possibilidade das dispensas de todos os lares serem suficientemente abastecidas. É natural; se há abundância de produção, todos teriam o seu devido quinhão. Havendo abundância de elementos de consumo, haveria vida doméstica normal, felicidade, possibilidade de alegria para todos.

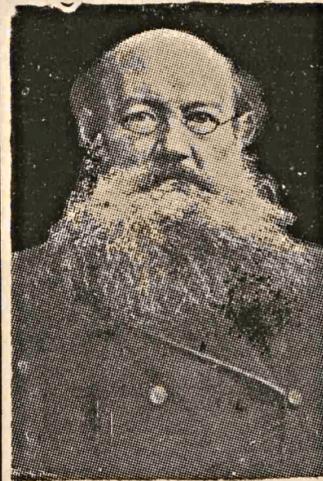
Doloroso engano. Porque as safras prometem ser abundantes, os agricultores estão bradando por socorro!... Reclamam regulamentação dos preços. Com a abundância da produção os preços tendem a baixar e isso, de acordo com o regime atual, não pode ser, porque o que se produz é para dar lucro e não para beneficiar o consumidor!...

Assim chegamos a este absurdo social: quando há abundância, há crise, há dificuldades, há penúria para o povo.

Solução: socializar-se a vida rural, desenvolvendo-se todas as atividades para se proporcionar abundância, sossego e felicidade para todos, a partir do agricultor até o consumidor — a população, constituída de produtores e consumidores.

EDGARD LEUENROTH

A Personalidade de Pedro Kropotkine Apreciada por José Verissimo



PEDRO KROPOTKINE

O príncipe Kropotkine, ou Pedro Kropotkine, como ele desde a juventude preferiu assinar-se, tem duas celebridades, a de cientista, no seu ramo, um dos mais consideráveis da Europa, e a de revolucionário. Foi esta, certamente, que fez famoso o seu nome, mas o que completa e distingue a sua feição de revoltoso, o que faz dele um ente à parte entre os diretores dos chamados partidos revolucionários, é, além da circunstância do seu alto nascimento, a conjugação íntima na sua personalidade do homem da ciência e do homem da humanidade. Amou-as a ambas com uma devoção ingénua e profunda, e como lhe pareceu sempre que a ciência, como a literatura, como a arte, como todos os resultados da inteligência e da indústria humanas, não podiam ter outro fim que servir a humanidade, se alguma daquelas suas devoções sacrificou à outra foi a da ciência.

Nasceu Kropotkine no velho bairro aristocrático de Moscou, a cidade santa e tradicional da Rússia, em 1842, e aí passou os quinze primeiros anos de sua vida. Vinha de uma velha família da mais alta fidalguia russa. Seu pai, militar como todo o nobre russo, pertencia de corpo e alma à antiga Rússia, do tempo de Nicolau I. Imbuído de todos os, já então anacrônicos, preconceitos de casta, era brutal, tirânico na família, despótico com os seus subalternos. Sua mãe, ao contrário, doce e meiga criatura sofredora, "era indubitavelmente — afirma o filho comovido após tantos anos passados depois da morte dela — uma mulher notável para o tempo em que viveu".

Concluídos os seus primeiros estudos, passou ele ao Corpo dos Pageis, instituição fidalgo-militar, da qual saiu oficial. Sendo o primeiro do seu ano foi, por isso, escolhido para o serviço pessoal do imperador Alexandre II, a quem tinha a obrigação de acompanhar e seguir, como se lhe fôra a sombra. Kropotkine, conforme o grande número de moços da nobreza russa àquela época acontecia, estava já imbuído das idéias liberais, que acabavam de obter um triunfo com a emancipação dos servos.

As memórias de Kropotkine são um admirável quadro da Rússia nos últimos cinquenta anos, quadro que o leitor sente verdadeiro, na placidez da narração, na simpatia geral que só anima, na lhanza da expressão, no intenso sentimento de sinceridade que de todo ele recende.

É sobretudo a confissão sincera e honesta, da história, como lhe chama Brandes, de uma crise interior que corresponde ao que antigamente se chamava uma conversão. A conversão de um filho de família principesca, um fidalgo de velha e alta linhagem, pagem o imperador, homem de corte, com o direito e quase a certeza de um grande futuro e uma alta posição no Estado é na ciência, onde tão auspiciosamente estreada, no democrata, no socialista, no nihilista, no anarquista enfim. E esta conversão não provém do ódio, da inveja, do

desespêro, da miséria ou de sofrimentos pessoais, senão do amor, de uma limitada simpatia humana, que vai dos miseráveis mais desgraçados aos seus mesmos algozes mais poderosos. Este amamentou-se realmente com o puro leite da bondade humana. A estas suas memórias pôs o eminente escritor dinamarquês, George Brandes, o crítico verdadeiramente universal, um prefácio, cuja emoção diz bem o valor do homem. "Raro terá havido diz ele, revolucionários tão humanos e tão brandos." A brandura, a meiguice, a suavidade de palavras e atos são, como já vimos nos romances russos, um distintivo dessas almas ardentes de convicção em um ideal social e humano.

Kropotkine multiplicava-se no ensino popular oculto, na propagação das suas idéias. De um brilhante sarau de corte saía ele para disfarçar-se em popular e ir a algum clube ou imprensa secreta trabalhar pela causa. E ao mesmo tempo que conspirava, isto é, que ensinava ao povo e propagava entre ele as doutrinas socialistas, que por esse tempo só nisso consistia a conspiração, ocupava-se da redação do relatório dos seus trabalhos geológicos que devia ler em uma sessão especial da Sociedade Geográfica. Foram animadas as discussões nessa reunião. "Reconheceu-se que todas as velhas teorias relativas ao período diluviano na Rússia eram inteiramente infundadas, e que um novo ponto de partida devia ser tomado na investigação de todo o assunto. "O chefe dos geólogos russo dissera: "Com cobertura de gelo ou sem ela devemos, senhores, reconhecer que tudo que até agora se disse sobre a ação do gelo flutuante não encontra base alguma nesta exploração". "E, diz Kropotkine, eu fui proposto naquela sessão para presidente da secção de geografia física, quando de mim próprio inqueria se eu não iria passar aquela mesma noite na cadeia da Terceira Secção."

Kropotkine, de há muito espionado pela gente da Terceira Secção, foi, com efeito, preso, nessa mesma noite, e recolhido à fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, "onde Pedro I torturou seu filho Aléxis e matou-o com suas próprias mãos, onde a Princesa Tarakanova foi posta em uma célula, em que, enchendo-se de água durante uma inundação, os ratos, por salverem-se, subiam-lhe pelo corpo acima; onde o terrível Minielo (Ministro da Polécia) torturou os seus inimigos, e Catharina enterrou vivos aqueles que a arguíam de haver assassinado seu marido"; uma prisão cujos anais são de assassinio e de tortura, onde os decembristas, os primeiros que desfraldaram na Rússia a bandeira republicana e da abolição da servidão foram martirizados, onde estiveram prisioneiros os poetas Ryleeff e Shevchenko, o grande romancista Dostoievsky, o sociólogo Bakunine, os publicistas Chernyshévsky e Pisareff e mil outros, quase todos os apóstolos da liberdade e do regime moderno da Rússia. Transferido, Kropotkine, auxiliado pelos seus amigos e correligionários, escapou-se dela. A narrativa da sua escapula é uma página comvente de Dumas pai. De S. Petersburgo foi ter à Inglaterra.

Quando mais tarde foi preso e condenado em França, os mais eminentes escritores e cientistas da Inglaterra endereçaram ao governo francês uma petição solicitando a sua liberdade. Entre os signatários estavam Herbert Spencer, Swinburne, todos os colaboradores daquela "Encyclopaedia", quer dizer todos os mais notáveis intelectuais da Inglaterra. palavras calorosas, como só ele as sabia escrever. A Academia de Ciências (Conclui na 3.ª pág.)

Os anarquistas declaram-se inimigos de todo o governo, mas não se declaram inimigos de toda a ordem, de toda a administração. Quêrem unicamente substituir a ordem autoritária atual pela ordem espontânea de amanhã, o governo dos homens pelo governo das coisas. —

ALFREDO NEGUEL

GILBERTO FREYRE Declara-se Anarquista

No número de 3 do corrente de "O Estado de São Paulo", apareceu a segunda parte de uma entrevista de Keith Botsford, de "Encounter", na qual o consagrado escritor e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, fazendo um minucioso estudo da conjuntura do momento, termina declarando-se em favor do anarquismo.

Pedimos venia para reproduzir o trecho em que essa declaração está contida:

— Posso oferecer-lhe uma oportunidade de reconsiderar esta nossa conversa?

Respondendo, Gilberto Freyre, após esclarecer sua atitude ante o problema angolês, assim se declarou anarco-sindicalista:

FREYRE: Bem, deverei eu realmente ser classificado como um conservador? Muito me admira que minhas opiniões provoquem essa interpretação. Um "conservador" que esteve preso — prisão políti-

ca — como agitador contra idéias conservadoras e atitudes convencionais na política, religião organizada e costumes políticos? Um "conservador" que escreveu um livro considerado pelos conservadores como contrário "às melhores tradições católicas brasileiras", e mesmo impatriótico e desleal ao Brasil, pelo menos da maneira como os conservadores compreendem o país? Talvez eu deva ser classificado como uma mistura contraditória de conservador e revolucionário: sendo o revolucionário o elemento decisivo. Pois sou violentamente anticapitalista e antiburguês, desprezando o conservantismo acadêmico; em idéias, em conduta intelectual, em arte, contrário a civilizações padronizadas, conservadoras, como a dos Estados Unidos e ao que considero como civilizações reacionárias, como a da União Soviética. Minhas opiniões, basicamente, são anarco-sindicalistas;

aprovo a diversidade, a personalidade e, ao mesmo tempo, a coordenação social para o bem-estar geral. Oponho-me a um cristianismo associado a elementos conservadores, burgueses, e à civilização européia como a **Civilização Cristã**. Sou um revolucionário, não só em minhas opiniões de organização social, mas também em minha interpretação do passado social, não só dos ibéricos em geral, mas também dos brasileiros em particular. Sou pela revolução social — uma revolução profunda, que inclua a miscigenação.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL DE SÃO PAULO

Este Centro continua a ser o local de encontro dos elementos que vêm acompanhando suas proveitosas iniciativas culturais.

No sábado, 11 de março, foi feita conferências, palestras comentadas ou encontros para troca de opiniões. Isso sucede habitualmente aos sábados, quando são promovidas uma interessante exibição cinematográfica.

A sede deste Centro está instalada no número 85 da rua Rubino de Oliveira, no Bairro do Brás.

Relembrando a Comuna de Paris

Foi a Precursora do Movimento de Libertação Social do Povo

Comemora-se este mês (18 de março de 1871) um dos mais empolgantes movimentos da história político-social da humanidade: a Comuna de Paris.

Ao escrevermos, hoje, sobre esse extraordinário movimento que empolgou o mundo pelas concepções audaciosas que o animaram e pelas atitudes de vários dos personagens que nele tomaram parte, convém folhear o livro do passado e penetrar na poeira dos séculos para compreendermos o sentido profundo das idéias que iluminaram a gesta da Comuna.

Só assim podemos encontrar justificação para o espírito de sacrifício, a abnegação, o despreendimento pela vida, o heroísmo, a quase loucura de personagens como Luiza Michel, que chegou até nós aureolada pela grandiosidade dos seus atos na prática da solidariedade humana.

A REBELIÃO POPULAR

A 28 de janeiro de 1871, anunciada pelo Governo de Defesa Nacional a capitulação de Paris, por força do armistício assinado nessa data com o inimigo, começa para o povo francês, que toca a rebate e se compenetra do senso de responsabilidade, a era da Comuna.

A revolução popular estava feita! Dias depois, tendo o Comitê da Guarda Nacional tomado o poder pela vitória, foi proclamada a Comuna, que durou apenas dois meses, mas que deixou na história das conquistas humanas o fulgor sublime de um idealismo profundo que não se apagará jamais tais foram os atos de abnegação e despreendimento das vidas humanas que estão ligadas a esse acontecimento histórico.

Damos aqui a palavra a Luiza Michel que narra com entusiasmo esse feito memorável:

"Ao romper da aurora (março de 1871) ouvia-se tocar a rebate; marchávamos a passo de carga, sabendo que fomos ao encontro de poderoso exército que se alinhava em ordem de batalha.

"Sentiamo-nos como se não pisássemos a terra, porque acreditávamos que íamos morrer pela liberdade. Depois da nossa morte, Paris inteira se levantaria de armas na mão para se

defender ou morrer pela causa. Em certas horas, as massas constituem a vanguarda do oceano humano.

"O horizonte estava aureolado por uma suave luz branca, um esplêndido amanhecer de libertação.

"De repente, ao meu lado, marchando conosco, vi minha mãe e senti uma angústia espantosa; inquieta tinha vindo; todas as mulheres estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte. Mas não era a morte que nos esperava lá no alto da colina onde o exército já dispunha os canhões para juntá-los aos de Batignolles, tomados durante a noite: era a surpresa de uma vitória popular.

Entre nós e o exército, as mulheres se lançam sobre os canhões e metralhadoras; os soldados, surpreendidos por este heroísmo, permanecem imóveis.

Enquanto o general Lecomte ordena aos soldados que façam fogo sobre a multidão, um sub-oficial, saindo das fileiras, pára em frente à companhia sob o seu comando e grita, abafando a voz de Lecomte:

Cultrats arriba! Os soldados obedecem. Era Verdaguierre, a quem, sobretudo por esta atitude, se fuzilou em Versailles, meses, depois.

A PROCLAMAÇÃO DA COMUNA

A proclamação da Comuna foi esplêndida. Não era a festa do poder, mas a cerimônia do sacrifício. Sentia-se que os eleitos eram votados ao martírio e à morte. A tarde de 28 de março, sob um sol magnífico que recordava a aurora do 18, o 7 Germinal, ano 79 da República, o povo de Paris, que a 26 havia elegido a própria Comuna, inaugurou a sua entrada no Palácio da Cidade.

Um vasto oceano humano em armas, as baionetas em riste e espessas como um campo de espigas; o clangor dos clarins e os tambores que ruflavam em surdina, o bater dos dois caixas inimitáveis de Montmartre, aqueles mesmos que na noite em que entraram os prussianos acordaram Paris: as baquetas espectrais e os seus punhos de aço evocavam sons estranhos.

Mas desta vez os sinos estavam mudos; o pesado tróar dos canhões, em intervalos compassados e regulares, saudavam a Revolução.

E as baionetas se abaixavam ante a bandeira vermelha dos comuneiros, que em grupo circundavam a estátua da República.

Ao alto um grande pendão vermelho. Os batalhões de Montmartre, Belleville e La Chapelle trazem as suas bandeiras nos barretes frígios. Dir-se-iam reclusas de 93.

As baionetas cada vez mais compactas ocupavam também as ruas laterais; a praça estava repleta, semelhança a um campo de grão. Qual seria a messe?

Toda Paris em pé. Os canhões,

AS MULHERES NA COMUNA DE PARIS

Foi muito importante o papel das mulheres na Comuna de Paris. Luiza Michel, que tomou parte ativa e se bateu com o entusiasmo próprio da sua personalidade anarquista sempre em luta pela liberdade, refere-se, no trabalho que acima publicamos, à atuação da mulher, dizendo que, inclusive sua própria mãe, todas estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte.

Natália Le Mel, cuja atuação na Comuna a fez levar deportada para Nova Caledônia, onde também esteve Luiza Michel, que ali se dedicava, com o despreendimento de uma criatura abnegada, a levar aos indígenas uma palavra de conforto e a sua assistência na cura de moléstias que a ignorância daquela gente descuidava, além

a intervalos, fazem ouvir os seus estampidos. Numa tribuna está o Comitê Central. Em frente os membros da Comuna, todos com faixa vermelha. Poucas palavras entre um tiro e outro da artilharia.

O Comitê declara findo o seu mandato e entrega o poder à Comuna. Faz-se um apelo aos eleitos. Um clamor enorme se eleva: Viva a Comuna! Os tambores batem o sinal de combate, os canhões rompem os raios do sol.

— Em nome do povo — disse Ranvier — foi proclamada a Comuna!

Tudo foi grandioso neste prólogo da Comuna: a morte devia consagrar-lhe a apoteóse. Nada de discursos; mas um só grito, imenso e retumbante: Viva a Comuna!

Todas as bandas de música tocam a "Marselheza" e o "Canto da partida". Um furacão de vozes repete-lhe o estribilho. Muitos velhos abaixam a cabeça. Dir-se-ia que ouviam a voz dos mártires da liberdade.

São homens de junho e de dezembro, alguns já todos brancos, outros de 1830, Mabilé, Malezieux, Cayol.

O único poder que poderia ter feito qualquer coisa era a Comuna, composta de homens de inteligência, de coragem, de honestidade a toda a prova, de devoção e de energia.

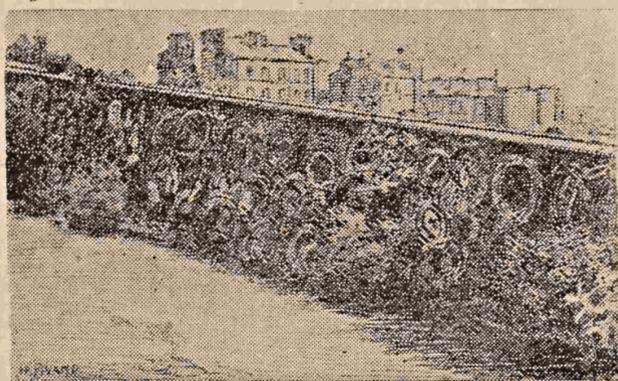
Mas o poder os manietou, não lhes deixando senão a sua indomável vontade para o sacrifício; soberam morrer heroicamente. Todo poder traz em si o germen da destruição. Por isto mesmo é que eu sou anarquista.

LUIZA MICHEL

de cuidar dos feridos e tratar dos doentes do presídio, foi uma das mulheres mais destacadas no movimento comunalista.

Outras, muitas outras sofreram as conseqüências do seu amor à liberdade, pagando com a vida ou com a condenação a trabalhos forçados a cooperação que deram à Comuna.

Marie Ferré, condenada a trabalhos forçados por toda a vida; Linna Houssu, condenada à morte; Ristoff, condenada à morte; Marchais, condenada à morte; Suetans, condenada à morte; Marguerite Diblane, condenada à morte; Laure, condenada a trabalhos forçados; Hortense Daud, idem; Vautrain, idem; Leroy, idem; Marie Cayen, também condenada a trabalhos forçados por toda a vida.



Muro dos Federados, no cemitério Pere Lechaise, em Paris, junto ao qual foram covardemente fuzilados dezenas de milhares de comunalistas.

FINALIDADES DA COMUNA

Para melhor precisar o que foi, na história das revoluções, a Comuna de Paris, vamos traduzir a sua Declaração ao Povo Francês — "No conflito doloroso e terrível que impõe, mais uma vez, a Paris os horrores do estado de sítio e do bombardeamento; que faz correr o sangue francês, perigando, assim, os nossos irmãos, as nossas esposas e os nossos filhos, esmagados sob o peso dos ósibus e sob a chuva da metralha, é necessário que a opinião pública não se divida, que a consciência nacional não seja ludibriada.

É preciso que Paris e a nação inteira saibam qual a natureza, a razão e o objetivo da revolução comunalista. É preciso, enfim, que a responsabilidade das lágrimas, dos sofrimentos e das desgraças de que somos vítimas, caia sobre aqueles que depois terem traído a França e depois de terem feito entrega de Paris aos estrangeiros, prosseguem, com uma cruel e cega obstinação, na ruína da capital, a fim de enterrarem, no meio do desastre da República e da Liberdade, o duplo testemunho da sua traição e do seu crime.

A Comuna tem o dever de afirmar e de determinar as aspirações e os votos da população de Paris; de precisar o caráter do movimento de 18 de março, incompreendido, desconhecido e caluniado pelos homens políticos que se refugiaram em Versailles.

Ainda desta vez, Paris trabalha e sofre pela França inteira, a quem prepara, pelos seus combates e pelos seus sacrifícios, e regeneração intelectual, moral, administrativa e econômica — a glória e a prosperidade.

Que pede Paris?

A autonomia absoluta da Comuna, autonomia extensiva a todas as localidades da França, assegurando-se a cada uma delas integridade de seus direitos, e concedendo a cada francês — como homem, como cidadão e como trabalhador, o pleno exercício das suas faculdades e das suas aptidões;

A autonomia da Comuna terá por limites o direito de autonomia igual para as outras Comunas aderentes ao contrato, e cuja Federação deve assegurar a unidade francesa;

A garantia absoluta da liberdade individual, da liberdade de consciência e da liberdade de trabalho;

A interferência permanente dos cidadãos nos negócios comunais pela livre manifestação de suas idéias, defendendo livremente os seus interesses; garantias dadas a estas manifestações, encarregadas de velar e de assegurar o livre e justo exercício de reunião e de publicidade;

Paris não quer nada a título de garantias locais, com a condição, bem entendido, de encontrar, na grande administração central — delegação das Comunas Federadas — a realização prática dos princípios expostos.

Mas, baseando-se na sua autonomia, e dispoñdo da sua liberdade de ação, Paris reserva-se o papel de proceder conforme entende, às reformas administrativas e econômicas que a população reclama; de criar instituições próprias para desenvolver e propagar a instrução, a troca e o crédito; de universalizar o poder e a propriedade, segundo as necessidades do momento, o objetivo dos interesses e os dados fornecidos pela experiência.

Os nossos inimigos enganam-se e enganam o país, quando acusam a cidade de Paris de querer impor a sua

vontade ou a sua supremacia ao resto da nação; de pretender instaurar uma ditadura, que seria um verdadeiro atentado contra a soberania das outras Comunas.

Enganam-se enganam o país quando acusam Paris de prosseguir na destruição da unidade francesa, constituída pela revolução e aclamada pelos nossos pais que vieram de todos os pontos da velha França assistir às festas da Federação.

A unidade, tal como nos tem sido imposta, até à data, pelo império, pela monarquia e pelo parlamentarismo, não é senão a centralização, estúpida, arbitrária e onerosa.

A unidade política, tal e qual como Paris a quer, é associação voluntária de todas as iniciativas locais, o concurso espontâneo e livre de todas as energias individuais para um fim comum, para o bem-estar, para a liberdade e para a segurança de todos.

A revolução comunalista, começada por iniciativa popular em 18 de março, inaugura uma era nova de política experimental, positiva e científica.

Apelamos, por isso, para toda a França.

Lembrem-se que Paris em armas possui tanta calma como bravura; que sustenta a ordem com tanta energia como entusiasmo; que se sacrifica com tanta razão como heroísmo; que não se armou senão para lutar pela liberdade e pela glória de todos.

Quanto a nós, cidadãos de Paris, temos a missão de completar a revolução moderna no sentido mais largo, mais amplo e mais fecundo de todas as revoluções que têm iluminado a história.

Impõe-se-nos o dever de falar e de vencer.

Paris, 19 de abril de 1871

A Declaração-Programa parece, à primeira vista, um programa democrático; graças, porém, às suas tendências autonomistas e federalistas, esse programa está em aberta oposição com a onipotência do Estado e com a centralização capitalista. Entre outras coisas — fruto de instituições próprias, o programa defende a universalização do poder e da propriedade, o que pressupõe por um lado, a diminuição progressiva das funções governamentais até a sua supressão isto é, até atingir a Anarquia; e, por outro, deseja a extensão da propriedade até a tornar comum a todos, com o comunismo libertário.

Hoje não podemos honrar melhor os heróicos combatentes da Comuna, senão fazendo ressaltar a sua divisa solene: — "Basta de compromissos ilusórios." O fim dos compromissos parlamentares ou outros quaisquer compromissos, marcará o termo da nossa escravidão voluntária, acelerando o passo, provocando, enfim, a Revolução moderna — já esboçada há noventa e tantos anos — no seu sentido mais largo, mais amplo e mais fecundo de todas as revoluções que têm iluminado a história.

Camaradas: não nos deixemos invadir pelo ceticismo. O nosso 18 de março não está tão longe como alguém suporá. Possa ele encontrar-nos tão fortes como fortes foram os comunistas de Paris, mas mais preparados, mais clarividentes e mais decididos que eles — isto se não quisermos ver a nossa emancipação retardada, ainda um outro meio século.

O MASSACRE DOS COMUNALISTAS

"...Os generais traidores, haviam abandonado a França às hordas militares prussianas. Thiers, para obter a paz, ofereceu-lhes as chaves de Paris, cinco mil milhões de francos e a Alsácia e Lorena. A França proletária não podia aceitar tão vergonhosas condições e no dia 18 de março de 1871 (há 53 anos) o povo de Paris proclamou a COMUNA, convidando aos operários e camponeses de todo o país para liquidarem com o governo de traidores, a fim de que cada um fosse dono de seu próprio destino.

Mas os comunalistas foram demasiados imprevidentes, pois deram tempo aos versalheses de concentrar suas forças, munir-se de armas e de dinheiro — e por isso foram vencidos. De nada valeu o heroísmo dos Comunistas. A Comuna foi sufocada no sangue de TRINTA E CINCO MIL dos defensores. Nem as crianças foram respeitadas.

Matemos, escrevia o "Temps" naqueles dias de horrível massacre, estrangulemos, sangremos as mulheres e as crianças em face do mundo civilizado; declaremos que a respeito dos Federados e de suas "rêmeas", a justiça é uma coisa ridícula, boa somente para os estetas como Molière, seja, mas pensemos na peste, amigos."

— E esse imenso massacre, que fazia o "Temps" temer a peste oriunda de tanto sangue derramado, foi perpetrado contra o povo que tão heróicamente defendera a cidade de Paris, enquanto os seus algozes transformados em chacais conspiravam miseravelmente em Versailles.

Trinta e cinco mil vidas de homens, mulheres e crianças tombaram nas barricadas em defesa da revolução comunista — Ideal que aspiramos para a humanidade e que em parte havia sido ensaiado durante os 55 dias, que foi quanto durou essa epopéia popular.

A ATUAÇÃO HUMANISTA DE ELISÉE RECLUS

Elisée Reclus — figura internacional de sábio que todos respeitam — tomou parte na defesa da Comuna de Paris de uma forma que bem atesta o seu ponto de vista humanista. Quando ao ser preso, numa trincheira ao lado dos combatentes da Comuna, verificaram que o seu fuzil estava descarregado. Ao lhe perguntarem por que não usava a munição, respondeu que não se sentia com propensão para matar nem mesmo aos próprios inimigos...

PARIS DURANTE A COMUNA

As ruas de Paris ofereciam absoluta segurança a todos os cidadãos. Os atos de banditismo, de saques, foram raríssimos. Até os próprios "malfeitores" que, aproveitando a confusão, regressaram à capital, pouco se aproveitaram das suas "inclinções" e da sua situação muito especial. É que todos eles se admiravam da grandeza dos acontecimentos. E, em virtude da ausência da polícia, do governo e de todos os instrumentos de repressão, a moralidade surgia de toda a parte.

O LIBERTÁRIO

Diretor:

PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00

A Comuna Apreciada por Vultos do Anarquismo

...“Porém o que os chefes não fizeram, soube-o fazer a multidão. Foram numerosos, 30 ou 40 mil os que morreram em Paris pela causa que amavam. Foram, também, numerosos os que, no interior da cidade caíram sob as descargas das metralhadoras, gritando: *Viva a Comuna!*”

“A Comuna edificou para o futuro, não pelos seus governantes mas pelos seus defensores, um ideal bem superior ao de todas as revoluções que a precederam, na França como no mundo inteiro, terão de lutar por uma sociedade nova onde não haverá senhores pelo nascimento, título ou dinheiro, nem escravos pela ordem, casta ou salário. Por toda a parte a palavra *Comuna* foi compreendida num sentido mais largo, reportando-se à humanidade nova, formada de companheiros livres, iguais, ignorando as fronteiras, ajudando-se mutuamente, em paz, dum ao outro extremo do mundo.”

Elisê Reclus

O movimento insurrecional de 18 de março de 1871 não foi socialista em sua origem. Nascido da exasperação popular contra um governo que, por mérito da revolução, entregara Paris, alma da França, aos exércitos alemães, foi a princípio patriótico e republicano; mas deixou transparecer tendências socialistas, apesar das dificuldades da situação e das faltas do governo comunalista puxado para diferentes lados por jacobinos, blanquistas e internacionalistas. Estes últimos formavam o elemento estudioso mais inclinado ao moderantismo, a pior das políticas em tempo de revolução; entre eles, Malon, Lefrançais, Vermorel, Verlin, Longuet, que depois se aproximou da burguesia radical, tinham um valor real. O seu ideal tendia a uma descentralização política, — a comuna administrando-se por seus mandatários eleitos, — e a uma centralização econômica, — o Estado substituindo-se à oligarquia capitalista como proprietário do solo, dos canais, das minas, dos caminhos de ferro, da maquinaria industrial em suma, o socialismo estatista.

Carlos Malato

A Comuna de 1871 não podia passar duma primeira tentativa. Começando no fim duma grande guerra,

A PERSONALIDADE...

(Conclusão da 1ª pag.)

de Paris pôs à sua disposição, para trabalhar na prisão, a sua livraria. Já a França então armava à proteção da Rússia, por amor de quem prendeu a Kropotkine e deixou-o cumprir a pena de três anos.

Cumprida a sentença, voltou para Londres, onde, com 58 anos, vigoroso e alegre, continua os seus estudos científicos e a sua propaganda revolucionária. Um revolucionário, como já vimos, cheio de amor, de doçura e Victor Hugo acrescentou ao seu nome de misericórdia. Quaisquer que sejam as nossas idéias e sentimentos nas estimar um homem como Kropotkine, questões sociais, não é possível não admirar pelos seus mesmos inimigos pela firmeza sem fanatismo das suas convicções, pela pureza de um santo de sua vida, pela sinceridade absoluta dos seus atos e palavras e pela doçura das suas maneiras. Comparando-o a Tolstoi, como “os dois grandes russos que só neste momento pensam por amor do povo russo, e cujos pensamentos pertencem à humanidade”, diz Georges Brandes que os enche a ambos o amor da humanidade, que são um só na severa condenação da indiferença, da negligência, da cruza e brutalidade das classes superiores, como na atração que ambos sentem pela vida dos miseráveis; vêm ambos ao mundo mais covardia que maldade, ambos são idealistas e têm ambos temperamento de reformadores; e ambos são ainda naturezas amantes da paz, sendo Kropotkine, porém, dos dois, o mais pacífico. Foi talvez para os revolucionários como este que o Cristo pregou na montanha: Bem aventurados os pacíficos...

Como quer que seja difícil é se nos depare uma tão bela e simpática figura moral como a deste doce anarquista, do qual o mesmo eminente crítico não duvidou dizer que “a vida fez dele uma das pedras angulares do edifício do futuro”.

(Escreto de “Homens e coisas estrangeiras” — 1899-1900).

metida entre dois exércitos prontos para a aliança a fim de esmagar o povo, não ousou avançar resolutamente pelo caminho da revolução econômica. Não se declarou arrojadamente socialista, não procedeu à expropriação do capital nem à organização do trabalho. Nem sequer fez previsões dos recursos gerais da cidade.

Na comuna de Paris, todos estavam fluidos com o argumento que adormeceu as energias de tantas épocas: “Asseguremos antes a vitória, e veremos depois o que se pode fazer.”

Assegurar à vitória! Como se houvesse algum modo de formar uma comuna livre sem pôr as mãos sobre propriedade! Como se houvesse algum modo de vencer o inimigo em quanto a grande massa do povo não está diretamente interessada na vitória da revolução, vendo que trará para todos bem-estar material, moral e intelectual! Tentaram consolidar a Comuna antes e deixaram para depois a revolução social, quando o único modo de proceder era consolidar a Comuna por meio da revolução social.

O mesmo se deu quanto ao princípio de governo. Proclamando a livre Comuna, o povo de Paris proclamou um princípio anarquístico essencial, que era a morte do Estado; mas como a idéia anarquística mal alvorescera ainda, ficou-se a meio caminho, e no seio da Comuna surgiu o velho princípio de autoridade, e o povo elegeu um conselho da comuna, sob o modelo dos conselhos municipais de outros lugares.

E todavia, se admitimos que um governo central para regular as relações das comunas entre si é inteiramente inútil, porque admitirmos a sua necessidade para regular as relações mútuas dos grupos que constituem cada comuna? E se deixamos a tarefa de vir a comum acordo sobre empresas que interessam ao mesmo tempo várias cidades à livre iniciativa das comunas interessadas, por que recusamos esta mesma livre iniciativa aos grupos livres que compõe em uma comuna? Um governo interno na Comuna não tem mais razão de ser do que um governo externo.

A Comuna de Paris, filha dum período de transição, nascida sob os canhões prussianos, estava condenada a morrer. Mas o seu caráter eminentemente popular começou uma nova série de revoluções; por suas idéias foi a precursora da revolução social. A sua lição foi aproveitada, e quando a França se cobriu de novo de comunas em revolta o povo provavelmente não elegerá um governo, impotente e paralisador como o da Comuna de Paris, nem esperará que um governo inicie medidas revolucionárias. Livre dos parasitas que o devoram, tomará posse de toda a riqueza social para a pôr em comum, segundo os princípios do comunismo anarquico. E tendo por completo abolido a propriedade, o governo, o Estado, o povo reorganizar-se-á livremente, conforme as necessidades indicadas pela própria vida.

As comunas da próxima revolução não só derrubarão o Estado e substituirão o governo parlamentar pela livre federação, mas suprimirão esse governo dentro da própria comuna. Confiarão a livre organização da distribuição de viveres e da produção a grupos livres de trabalhadores — que se federarão com grupos semelhantes em outras cidades e aldeias — não por intermédio dum parlamento municipal, mas diretamente, para cobrir a sua missão.

Serão anarquistas no interior, como no exterior, — e só assim evitarão os horrores da derrota, às fúrias da reação.

Pedro Kropotkine

NOSSO CORREIO

Como já foi dito, serve este cantinho de “O LIBERTÁRIO” para nos correspondermos com as pessoas que nos escrevem, antecipando as respostas às epistolares.

RIO GRANDE — (RGS) — R. Ferrer: Causou-nos alegria o recebimento de sua carta. A viuva e os filhos do saudoso Perez estão bons. Registrada a contribuição de Mil Cruzeiros. Saudações de todos.

PONTA GROSSA — (Paraná) — E. J. T.: Registrado o novo endereço. Saudações.

SALVADOR (Bahia) — R.C.C.: Agradecemos a informação sobre a pessoa que se mudou dessa cidade. Agradecemos o novo endereço. Saúde.

Violência e Sociedade

Por HEM DAY

Será difícil contestar que a história humana não tenha sido senão uma seqüência de violências. Isto não quer dizer que, em todas as partes e em todos os tempos, esta violência fosse utilizada com objetivos humanos e liberadores.

Inicialmente, esclareçamos as coisas. Não há apenas um tipo de violência; há muitos deles, tais como o psicológico, o individual, o coletivo, o ofensivo e o defensivo; todos eles, violências que se revelam diferentes e se interpretam diversamente.

Todos os tipos de violência têm, com alguma razão, oportunidade de justificar os seus bons ou maus argumentos. Não pretendemos exaltar um tipo de violência em detrimento de outro, nem encontrar pretendidas razões para preferir um a outro.

Toda violência deve ser rejeitada como imprópria à liberação do homem. Se esta afirmativa pode ser superficialmente contestada, não o será, senão momentaneamente, pois no fundo e à luz dos anos transcorridos, não parece jamais possível que se possa afirmar um critério liberador humano, com base na violência.

Apenas a liberdade, a tolerância, o amor e a dignidade dos homens são capazes de criar um mundo de bem-estar e de justiça social. Sem dúvida, os campeões da força e da autoridade afirmaram os sólidos fundamentos da violência.

Estar-se-ia perto da verdade, se se dissesse que, para defender seus privilégios ou prebendas, os autoritários entendem reforçar a manutenção da ordem e da propriedade. Torna-se difícil, quando se quer examinar objetivamente a violência na história humana e não a tornar tributária de injustiças sociais, perpetradas através dos séculos, por todos aqueles que tinham interesses a defender e a utilizar em seu benefício próprio. A violência, duas vezes em um quarto de século, talvez, utilizou-se semelhante.

Foi um dilúvio de violência corporal, misturada não sei com que espécie de sadismo espiritual. Por toda parte, as multidões e os indivíduos foram crucificados até o mais profundo âmago de seu corpo e de sua personalidade. Tudo foi posto em movimento com a finalidade de levar esta violência ao paroxismo: — a ciência, as últimas descobertas, a literatura; tudo foi desviado dos objetivos humanos e subordinado aos caprichos de uma utilização desenfreada.

Neste concerto bárbaro, o papel dos Estados e dos Governos foi perfeito: — democráticos ou totalitários, rivalizaram-se todos quanto às suas técnicas homicidas. Foi o triunfo da domesticação, da apologia autoritária. Tudo aquilo que era humano, foi varrido. Maquiável tinha razão ao escrever: — “Todos os profetas armados triunfam e os desarmados sucumbem.”

Em todos os lugares surgiram discípulos para exaltar os seus combates. Nesta união de blasfêmias contra o Humanismo, políticos, diplomatas, homens de ciências ou de Igrejas se esforçaram ao máximo por divinizar o Culto à Violência; do sóco até à bomba atômica, da “Bíblia Sagrada” até à “Minha Luta”, de Hitler. Mas onde estamos hoje relativamente ao assunto? Se as sociedades ensaiam curar as feridas atrozes, devidas aos armamentos infernais, como existem agora, apenas sonham “chegar a isso”... Algumas delas utilizam-se de cadáveres, para prosseguir na sua política de ódio e de vingança.

O drama de tudo isso é a total e tácita aceitação destes fatos por parte das massas populares, que não entrevêm nenhum perigo próprio dessa política de miséria e de crime. Eis o que é, muitas vezes, decepcionante na luta que sustentamos.

Sem dúvida a educação, a imprensa, o rádio, o cinema, a televisão são os maiores culpados do desenvolvimento e manutenção de tal mentalidade social. Lamentavelmente, os meios de que dispomos para destruir esta isolante cortina cerebral, são irrísórios.

Portanto, o pavor da guerra, apesar de tudo, vive em nós. Quando, na sua imprevidência, o homem chega a perceber onde o conduziu sua resignação, é tarde demais. Prisioneiro dos fatos e acontecimentos que não combateu nem rejeitou, é-lo novamente como vítima em expiação. Pagará seu resgate ao Deus-Moloch. Ainda lhe resta um gesto de recusa, mas agora, exigindo-lhe demasiado esforço e abnegação, quando a guerra chegar.

Terá ele necessidade, então, de se inclinar diante do fato de que a violência e a guerra são atos ancorados no fundo mais profundo dos hábitos individuais? Estará o homem obrigado ao reconhecimento superficial de tais costumes e da era atômica, renunciando toda esperança, recusando

A Revolta de Kronstadt

Com este título, apreciando um livro de Ida Mett aparecido na Itália, nos últimos dias de janeiro p.p., em que a autora, participante entusiasta da Revolução Russa, proclama a verdadeira significação do movimento revoltoso que eclodiu em Kronstadt em 1921, aproximadamente quatro anos depois da histórica revolução do povo russo para libertar-se da tirania czarista. Italo Garinei publicou em “Humanità Nova”, Órgão anarquista de Roma, interessante comentário. Ida Mett o faz em virtude das inverdades e calúnias com que os dirigentes bolchevistas da época tentaram cobrir o heróico feito dos marinheiros de Kronstadt, que já haviam dado provas de seu amor à revolução libertadora em movimentos anteriores, em 1907, e que foram fuzilados pelos bolchevistas aos gritos de “Viva a Revolução Mundial!” e “Viva a Internacional Comunista!”.

Como fizeram com a revolução dos heróicos camponeses da Ucrânia, que passou à história das lutas proletárias como “Movimento Macknovista”, os bolchevistas enlamearam, deturpando-a, a revolta de Kronstadt, em que o povo daquela cidade e os marinheiros do navio de guerra *Petropavlosk* queriam apenas afirmar o sentido exato da revolução russa de 1917, isto é, pretendiam dar à revolução o verdadeiro caráter de movimento libertador.

Traduzimos alguns trechos do comentário de Italo Garinei, dada a importância histórica do depoimento de Ida Mett, em seu livro “La Rivolta de Kronstadt”, edição italiana.

Fazem-lo porque, precisamente neste mês de março, se comemora a data desse acontecimento em que os marinheiros de Kronstadt, revolucionários como já o havia demonstrado na revolta de 1907, quando escreveram páginas maravilhosas de luta revolucionária, se insurgiram contra a ditadura bolchevista.

“No curso do inverno de 1920-1921 a situação se havia tornado gravíssima, em Petrogrado, quer sob o aspecto econômico, quer sob o aspecto político. Faltavam viveres e a fome se fazia sentir cada vez mais no seio das massas populares. Os salários dos operários eram insuficientes e começavam a manifestar-se greves nas oficinas e fábricas. Estas greves, que aumentavam dia a dia, preocupavam seriamente os responsáveis do Comitê local comunista, o qual, a 24 de fevereiro — constituídos em Comitê de Defesa — proclamaram o Estado de Sítio, proibindo reuniões e comícios, e ameaçando com penas severas os culpados de infração.

Foi então que os marinheiros de Kronstadt enviaram a Petrogrado uma delegação com o propósito de serem informados sobre o caráter das greves que ali se vinham manifestando. Essa delegação voltou a Kronstadt no dia 28 de fevereiro; e a equipagem do navio de guerra *Petropavlosk*, reunido em assembléia, formulou um memorial de reivindicações compendiadas em 15 pontos.

Entre outras reivindicações, pediam: eleições livres para a nomeação dos novos *soviets*; liberdade de imprensa e de palavra para os operários e camponeses, para os anarquistas e para o Partido Socialista Revolucionário da esquerda; liberdade de organização sindical para os operários e camponeses; libertação dos prisioneiros; liberdade de trabalho aos camponeses e artesãos.

Estas resoluções, — que todos os marinheiros aceitaram — constituíram o programa da insurreição. Nomeou-se um Comitê Revolucionário provisório — formado em grande parte por marinheiros que tinham uma grande carreira de serviços e provada experiência revolucionária — e no dia 2 de março se procedeu à ocupação dos pontos estratégicos da cidade, dos edifícios do Estado, telefones, e à organização da defesa adequada. Teve, assim, início, a 2 de março, a épica luta da “Comuna de Kronstadt”, caída duas semanas depois, a 18 de março, exatamente na

do toda possibilidade de transformar este estado de coisas? Será ele forçado a deixar as coisas caminharem sózinhas e confessar-se vencido?

Nossa razão de ser, nossa razão de viver, a afirmação do nosso “eu”, de todos nós, deseja o contrário; deseja encontrar, nesta “fatalidade inconsciente dos mundos”, aquilo de que se socorrerá a coragem, ajudando na elaboração de um novo mundo donde serão banidas a violência, a guerra, a autoridade e a intolerância.

data em que se recordava o centenário da “Comuna de Paris”.

Os acontecimentos destas duas semanas de luta heróica estão narradas profusamente por Ida Mett. Foi Trotsky quem deu ordens implacáveis para destruir a revolta e os revoltosos pela força das armas; o assalto a Kronstadt foi preparado e conduzido pelo general bolchevista Tukhacevski. Os insurretos se defenderam extenuadamente, respondendo com seus canhões aos canhões dos artilheiros bolchevistas. Aviões governamentais bombardeavam incessantemente as suas posições, sem mesmo resguardar a população civil. Muitos soldados de Moscou se rendiam aos insurretos, começando depois a combater ao seu lado. Houve fortíssimas perdas de parte a parte, e depois os bolchevistas começaram a massacrar a população como represália contra a revolta. Lendo os particulares daquela trágica jornada, o pensamento volta-se espontaneamente para recordar os massacres das tropas de Tiers depois da queda da “Comuna de Paris”.

Outro notável escritor e testemunha dos acontecimentos, Victor Serge, refere, em suas “Memórias”, que os rebeldes de Kronstadt caídos prisioneiros foram fuzilados aos gritos de “Viva a Revolução Mundial!” e “Viva a Internacional Comunista!”. Escreve ainda Victor Serge, que centenas de prisioneiros foram conduzidos a Petrogrado e entregues à Tcheka, que, meses mais tarde, os fuzilava também em pequenos grupos, estupidamente, criminosamente. E comenta: “Aquêles vencidos pertenciam invariavelmente à revolução, haviam expressado o sofrimento e a vontade do povo russo, eram, enfim, prisioneiros de guerra civil, e pouco antes o governo havia prometido anistia aos seus adversários, se estes se submetessem.”

Ida Mett dedica um capítulo de seu estudo às atividades dos anarquistas com relação à revolta de Kronstadt, e reconhece que entre os membros do Comitê Revolucionário Provisório, e entre os insurretos, havia muitos anarquistas. Cita, com destaque, um volante lançado sobre Petrogrado e difundido ali profusamente, no qual se lia: “A revolta de Kronstadt é uma revolução! Depois da revolta de Kronstadt, começa a revolta de Petrogrado! Depois disso, venha a Anarquia!”

ADMINISTRAÇÃO DE “O LIBERTÁRIO”

De conformidade com o critério estabelecido de trazer os amigos de “O LIBERTÁRIO” sempre informados sobre sua situação econômica, temos publicado regularmente a relação das importâncias recebidas para a ajuda da cobertura das despesas do jornal.

Assim, reiteramos a solicitação para que nos seja comunicado prontamente a falta de registro de alguma importância, para providenciarmos.

Contribuições Diversas

Gumercindo, 1.000; Cecilio, 1.000, + 500; Ramires, 1.000; Ortega, 1.000; Souza Passos, 1.000; Tesoro, 1.000, + 150; Panzarini, 1.000; R. Ferrer, 1.000; Corraquer, 1.000; Eurico, 1.000, + 1.000; D. Pinheiro, 1.000; Claudenir Lima, 500; Sanchez, 500 + 500; Antonio Ruf., 500; Padilha, 500; Rojo, 500; Valesella, 500; Neves, 500; Turbilhano, 800; Planas, 2.000; A. Martins, 300; L. Pascual, 200; Gomes, 200 + 200; Fontana, 200 + 200; Rodrigues, 200; Vidal, 200; Angel, 200; Pablo Tello, 200; Felix Gil, 200; Arrebola, 200; Navarro, 100 + 100; S.C.M.N.T., 100; Virgilio, 100 + 100; Aidar, 100 + 100; Clara, 100 + 100; Dias, 100 + 200 + 100; Castro, 100 + 200; Nair, 100 + 100; Onorio, 100; Pen-teado, 100; Nunes, 100 + 200; Vicente, 100; H. Soares, 100; Pascual, 1.400 + 100; TOTAL Cr\$ 27.450,00.

SANTOS — Macias, 1.000; M. Peres, 1.000; TOTAL Cr\$ 2.000,00.

RIO — E. Redes, 1.000; I. Peres, 1.000; Botiño, 1.300; Cardoso, 1.000; Neves, 400; Rodrigues, 600; P. Gonçalves, 1.000; Manuel, 200; F. da Silva, 1.000; Costa, 800; Enio, 1.000; Soto, 1.000. TOTAL Cr\$ 10.300,00.

DIVERSOS — Quadro, 19.500; Jornais e livros, 2.380; TOTAL Cr\$ 21.880,00.

TOTAL GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E DIVERSOS Cr\$ 61.630,00.

MOVIMENTO OPERÁRIO

Por Uma Verdadeira Organização Nacional Operária

Comando Geral dos Trabalhadores — é a nova denominação de uma hipotética organização sindical de que se serve ultimamente a camarilha dominadora da maioria do movimento proletário do Brasil.

Os que o constituem são os pelegos que, há dezenas de anos, vivem à custa dos sindicatos, percebendo grandes ordenados, realizando constantes viagens e promovendo periódicas greves de corporações e gerais, sem pronunciamentos dos trabalhadores, atirados a agitações de finalidades políticas.

Entretanto, sendo tudo isso do domínio público, esses pelegos são recebidos pelas autoridades estaduais e federais e até pelo Presidente da República, como dirigentes dessa organização inexistente, falando e decidindo em nome do proletariado brasileiro!

Contra essa situação desvirtuadora das verdadeiras finalidades do movimento sindical, já se vêm verificando movimentos de protesto entre várias corporações.

Por ocasião da realização, no Rio de Janeiro, do 3.º Congresso Nacional Sindical, verificaram-se manifestações dessa tendência saneadora do movimento proletário.

Entre as tentativas feitas nesse sentido figura a apresentação, pelo companheiro Edgard Leuenroth, participante do certame como delegado do Sindicato dos Jornalistas, da seguinte moção, da qual o plenário não teve conhecimento, em virtude das manobras dos pelegos: "Considerando que a organização confederativa nacional do proletariado do Brasil é o complemento lógico de seu movimento sindical;

Considerando que essa entidade de âmbito nacional tornou-se uma premente necessidade como elemento coordenador das atividades sindicais dos trabalhadores de todo o País, desde a sua unidade inicial — o sindicato — com ampliação das respectivas federações;

Considerando que o entrelaçamento dos interesses do

proletariado brasileiro torna-se de dia para dia mais efetivo na vida do País, exigindo, conseqüentemente, a ação conjunta de todas as suas organizações no sentido do patrocínio dos mesmos — o que somente será possível — com a necessária eficiência — por meio de uma organização que entrelace todas essas entidades na órbita nacional;

Considerando que a oposição à existência dessa organização não encontra nenhuma razoável justificativa, visto como o patronato dispõe de organizações similares em suas atividades associativas de classe;

O Terceiro Congresso Nacional Sindical dos Trabalhadores reivindica como legítimo direito do proletariado brasileiro a constituição da confederação geral do operariado do Brasil.

Com a finalidade de tornar efetiva essa imperiosa iniciativa concita as organizações proletárias de todo o País a agirem nesse sentido, constituindo uma comissão de representantes seus para a preparação das bases estruturais do organismo confederal, que deverão ser distribuídos a todos os organismos sindicais, com o fim de ser divulgado, estudado e sujeito ao exame de assembleias, para depois ser submetido a um Congresso Nacional especialmente convocado para esse fim.

Desse trabalho resultará um organismo sindical nacional do proletariado, não como um órgão de cúpula determinador de ordens, mas uma entidade de bases federativas, cujas ações representarão a vontade efetiva e consciente dos trabalhadores, partidos do operário no sindicato, do sindicato na federação de seu ramo, da federação em seus vários graus, numa confederação geral dos trabalhadores do Brasil, liberta da intervenção corruptora da política partidária e de pseudos líderes mantenedores de uma parasitária burocracia sindical, à margem, enfim, de todas as intervenções desvirtuadoras das aspirações dos trabalhadores."

O Anarquismo Exposto na T.V. de S. Paulo

Levado pelo nosso companheiro Edgard Leuenroth, que foi para esse fim especialmente convidado pelos que conduzem e orientam o programa de televisão no Canal 5 "O Mundo é das Mulheres", o anarquismo conquistou em São Paulo uma difícil posição: poder falar às massas através de um veículo de alta importância e excessivamente caro como é a Televisão.

Dissemos especialmente convidado, porque o convite feito a Edgard Leuenroth tinha, realmente, um caráter especial. Foi um convite para falar sobre o anarquismo, respondendo às perguntas que um grupo de jovens cultas lhes fariam sobre os problemas de tanta predileção do companheiro Edgard, que há 60 anos não faz outra coisa e não pensa senão anarquicamente.

E o velho companheiro disse sem preâmbulos, com a franqueza das suas convicções, para aquele mundo das mulheres e a milhares de telespectadores, o que é o Anarquismo, como pensam e agem os anarquistas na família, no trabalho, na sociedade, na vida, enfim.

Anteriormente, em outro programa — "SS Show" — em que Silveira Sampaio é o comentarista não menos sagaz e espirituoso, já Edgard Leuenroth havia feito do anarquismo o motivo principal de sua entrevista. E assim, muitas pessoas, milhares de telespectadores que só conhecem o anarquismo através dos conceitos deturpadores de seus adversários, ficaram sabendo que o anarquismo é a filosofia da humanidade. Os seres humanos se completam no anarquismo e atingem a expressão máxima de seu desenvolvimento. O anarquismo não se fecha, não está enquadado em nenhum esquema pré-estabelecido a servir de roteiro para a conduta humana. É a própria vida! E, como tal, vai até onde o sentido da liberdade o possa conduzir. Sim, porque a essência da Anarquia é liberdade e responsabilidade. Livres para compreendermos a responsabilidade; responsáveis para não desvirtuarmos o sentido da liberdade. É assim que entendemos o Anarquismo. Filosofia aberta a todos, reis e mendigos, sábios e ignorantes. Se estes ou aqueles não lhes gozam ainda dos benefícios, a culpa não é nossa nem do Anarquismo. Há quem atire pedras às águas límpidas de uma fonte cristalina. As águas se turvam por um momento. Mas depois voltam à sua limpidez primitiva e oferecem a sua pureza a quem tenha sede...

É por isso que dentro das nossas concepções liberdade e responsabilidade andam juntas. Aquêles que usaram da liberdade para atirar pedras às águas puras da fonte não possuem

o senso de responsabilidade para compreenderem que praticavam uma ação má. E na Anarquia liberdade e responsabilidade têm funções correlatas. Se a liberdade é condição essencial para o estabelecimento da Anarquia, a responsabilidade exerce o sentido crítico, ético e estético, do anarquismo. Ambos se completam na função de conduzir as atitudes humanas.

A incompreensão das nossas idéias por parte daqueles que não as aceitam é o resultado de muitos milhões de autoritarismo e submissão. Os indivíduos habituaram-se a uma porção de coisas erradas e em desacordo com a própria natureza, que, mesmo as mais claras linhas de visão se confundem nas suas lentes de observação superficial. E quando não podem negar a leveza das nossas concepções; quando, compreendendo afinal que tudo quanto tem o anarquismo é de seu próprio interesse e visa dar às suas existências a plenitude da vida a que todos aspiram — liberdade e bem-estar para todos — limitam-se a dizer: — É muito bonito, mas é impossível! Não passa de um sonho vívido durante a inconsciência de nossas vidas adormecidas, quando o subconsciente anda à-tôa pelos mundos siderais...

Mas se a Anarquia é poesia, é riso, é alegria de viver, o anarquismo é realidade, é luta, sacrifício. O anarquismo é um movimento em marcha para o futuro. Um movimento de idéias, de ação, de luta para a conquista de um mundo melhor onde não mais haverá guerras provocadoras da vivez e da orfandade, destruidoras de tudo que a capacidade humana constrói para atender às suas necessidades: onde os seres humanos, irmanados pela compreensão e organizados na prática da solidariedade, possam, finalmente, viver a vida como ela deve ser vivida: dentro da concepção da

arte, da ciência, do amor e da beleza! (1)

E isso é a Anarquia. É isso que os anarquistas querem e têm a certeza de conseguir. Foi isso que o nosso companheiro Edgard Leuenroth falou no Canal 5, em "O Mundo é das Mulheres". Foi isso mesmo que já havia dito antes no "SS Show", e agora, mais recentemente, no dia 13 de março corrente, afirmou pelo Canal 2, no Programa "Ronda das Artes", em entrevista a Paulo Bonfim, ao falar sobre Ricardo Gonçalves.

Sobre este assunto, houve o intuito de desagrarar o nome do poeta de "Rebelião", vilependido por certo crítico que sobre ele escreveu umas crônicas bibliográficas em que lhe negava, não só a autoria da poesia "Rebelião", mas ainda pretendia amesquinhá-lo no que Ricardo Gonçalves tinha de mais elevado e humano: a sua personalidade anarquista, os seus sentimentos revolucionários, a sua inquietude em face das injustiças sociais, contra as quais foi sempre um lutador e militante do anarquismo.

É isso que temos dito através deste jornal e já o fizemos em outros jornais e revistas do passado. É isso que milhares de pessoas, homens e mulheres de todo mundo, afirmam pelas suas publicações, nas suas conferências e nos seus atos públicos.

O mundo será então das mulheres, dos homens, dos animais, de tudo, enfim, que é criação e que, pelas leis naturais da biologia, — não porque assim o quer o ser abstrato de qualquer divindade — têm o direito de viver.

SOUZA PASSOS

(1) Estes mesmos conceitos foram feitos em uma carta, que há pouco tempo enviamos a um camarada de Sorocaba.

A Publicação de "O Libertário"

Em nosso número anterior informamos os amigos de "O LIBERTÁRIO" sobre a sua difícil situação econômica, em virtude do aumento considerável e constante do custo de sua impressão.

Dissemos que cada exemplar passaria a custar 24 cruzeiros e hoje devemos informar que esse custo subiu para 30 cruzeiros.

Como o nosso jornal mantém-se unicamente com as contribuições daqueles que julgam necessária a publicação deste órgão de propaganda libertária, esta informação serve para alertar a todos, afim de

redobramos os esforços no sentido de conseguirmos os recursos necessários para que seu aparecimento não seja interrompido.

Não podemos admitir que deixe de circular o único órgão que propaga no Brasil atualmente o ideal da verdadeira libertação social.

As contribuições devem ser remetidas imediatamente. Decisão, companheiros e amigos!

Afim de proceder à revisão dos endereços para regularizar a tiragem do jornal, este número correponde aos meses de Fevereiro e Março.

O Concílio e a História

Oswaldo Salgueiro

Sob o título acima, o colaborador do "Estado" a cargo do qual está, parece-me, a seção do "Movimento Religioso", e que se assina H. D., publicou na referida seção um artigo no qual se mostra decepcionado pela queda de impeto, duas semanas depois de iniciado, do Concílio Ecumênico (?) Vaticano II. E atribui isso à carência de cultura de "muitos bons católicos", à "leviandade de alguns correspondentes", etc. "Em nenhuma outra assembleia internacional como esta — afirma — tem o jornalista a oportunidade de desempenhar a sua relevante missão histórica, para a qual comumente não está preparado!"

Ora, a carência de cultura histórica, com respeito à Igreja, só a tem beneficiado e agora mais uma vez a beneficiou. E' que se os jornalistas que fizeram a cobertura dos acontecimentos do último Concílio tivessem o suficiente preparo e, conseqüentemente, tivessem aproveitado a oportunidade que se lhes ofereceu para escrever sobre os concílios passados de um modo objetivo e imparcial, (caso isso lhes fosse permitido, é claro) isso só teria prejudicado, e muito, a Igreja Católica Apostólica Romana.

"Sem precisarmos remontar — afirma H. D. — a épocas passadas, a Trento ou a Niceia, por ex., basta ter presente a tremenda carga de acontecimentos históricos que cercou, há menos de cem anos, o Concílio do Vaticano, convocado em 1869 por Pio IX. cronologicamente o I com aquele nome, e que, desafiando o racionalismo e a maçonaria, promulgou o Syllabus e definiu o dogma da infalibilidade papal em matéria de fé e de doutrina."

Ora aí está. Quem foi Pio IX? Se os correspondentes que assistiram ao último Concílio nada escreveram, por carecerem de cultura histórica, acêrea de outros concílios, ao de 1869, por exemplo, por que H. D., tendo, como tem, as colunas do "Estado" diariamente à sua disposição, também não aproveitou a oportunidade para fazê-lo? Por que não foi mais explícito, por exemplo, quanto ao procedimento de Pio IX no seu desafio ao racionalismo e à maçonaria? Estará ele ao par do assunto sob o ponto de vista histórico, ou apenas através de compêndios adrede preparados para a "cultura" teológica?

Sim, quem foi, afinal, Pio IX, mormente quando quiz tornar-se infalível? Um perseguidor fanático. As prisões das províncias da Itália que estavam sob o domínio desse celerado, estavam sempre repletas de vítimas que sofriam toda a sorte de torturas pelo simples fato de não rezarem pela cartilha da Igreja, ainda que não fossem maçons ou racionalistas. A esse respeito, apresentarei um pequeno pano de amostra transcrevendo algumas palavras de Lachatre ("OS CRIMES DOS PAPAS", volume IV, pag. 440):

"Quanto ao regime penitenciário em vigor sob o reinado do brando pontífice Pio, nono de nome, e aos tratamentos bárbaros de que usavam os agentes do papa acêrea dos réus políticos, pode-se fazer idéia pela leitura das passagens que se podem ler em um livro de Carlos Paya, que colheu nos lugares próprios de que fala, todos os esclarecimentos que dá sobre as prisões e outros estabelecimentos de correções dos Estados da Igreja sendo ele mesmo preso como suspeito quando viajava para Roma.

Para o governo papalino, diz o autor em questão, o homem que aprovasse tudo quanto faziam os padres, na ordem espiritual ou temporal, era o último dos celerados. Um dia, um réu político, ofendido com a linguagem insolente que lhe dirigia um monsenhor, ousou dizer-lhe:

"Não sei a razão porque me fala desse modo, visto que não sou um ladrão nem um assassino."

"Pior, pior, replicou o monsenhor."

E todos os seus confrades em dignidade e em poder partilhavam o mesmo sentimento. Era essa a razão porque em Roma havia tanta brandura para com os tratantes e tanto rigor para com os homens de bem. Annibal Locatelli fora condenado a vinte ou trinta anos de prisão por crime de patriotismo. Era ainda muito novo e esperavam tirar dele revelações. Um dia o diretor da prisão onde ele estava encerrado, subiu à sua cela e disse-lhe em tom de brandura:

"Mandou-me chamar, tem alguma coisa a dizer-me?"

"Eu, nada absolutamente. — Não pode ser; se me mandou chamar, é porque tem alguma coisa a dizer-me."

"Repito-lhe, exclamou Locatelli com impaciência, que não tenho nada a dizer-lhe e peço-lhe que me deixe sossegado."

"Ah! bradou o diretor, mudando de tom, tu não queres falar, bandido? Pois bem, serás enforcado nas grades de tua prisão!"

Sim, efetivamente, Pio IX promulgou o Syllabus, mas tal promulgação não foi só um desafio, como também uma afronta, não apenas contra o racionalismo e a maçonaria, mas contra todos aqueles que defendiam o progresso e a liberdade.

E o Syllabus tornou-se uma poderosa arma contra os desmandos da própria Igreja.

Quanto ao dogma da infalibilidade papal, nada mais ridículo do que ainda hoje evocá-lo em tom de seriedade, tanto mais porque quando do Concílio Ecumênico I, convocado por Pio IX em 1869, esse dogma foi repudiado, como uma aberração, por uma grande parte do próprio clero. E só acabou por triunfar, devido à corrupção, com muita habilidade posta em prática pelo papa.

De modo que, com ameaças por um lado e com promessas de promoção por outro, e ainda por outras artimanhas, Pio IX conseguiu a maioria de que precisava para, de afogadilho, oficialmente se proclamar infalível. Antes, porém, teve que sofrer uma forte oposição mesmo de eminentes prelados. E durante essa oposição deram-se episódios que seriam cômicos se não não tivessem sido dramáticos. Assim, por exemplo, monsenhor Hassan, prelado armênio, afirmou que não havia necessidade de um novo dogma para a Igreja, visto que os antigos já eram tantos. Logo no dia seguinte o papa mandou chamá-lo ao palácio, falou-lhe em particular afim de persuadi-lo a mudar de opinião, mas, como não o conseguiu, Sua Santidade enfureceu-se contra ele, bateu com o punho sobre a mesa e depois segurou-o pela sotaina. O bispo armênio teve grande dificuldade de se arrancar das mãos do papa e, fugindo, a tremer, do gabinete, foi contar lá fora o que lhe acontecera. Outro prelado, do oriente, foi preso, em pleno dia, na via Júlia, por ter pronunciado um discurso contra a infalibilidade. O bispo resistiu à prisão e foi maltratado ao ponto de se ensanguentarem. Os seus correligionários correram em seu auxílio e isso provocou um tumulto. Por acaso passava no momento, de passagem, um outro bispo do Oriente. Vendo o seu confrade ferido desceu da carruagem e protestou. A polícia maltratou-o também. Recebeu um murro no nariz. Depois que a polícia se retirou levou o seu confrade para a carruagem, conduzindo-o, em primeiro lugar à embaixada de França para denunciar as violências da polícia pontifícia, e em seguida à casa do embaixador turco, Rustim Bey.

Em uma das recepções no palácio pontifício, um velho arcebispo, mais idoso do que Pio IX, arriscou algumas objeções ao novo dogma; mas o pontífice, ao qual irritava ao extremo toda e qualquer resistência às suas vontades, respondeu-lhe asperamente: "Está bem a vós, que tendes os pés na cova, fazer-me oposição? Retirai-vos do meu palácio, estais exilado!"

"Obedeço, santo padre, replicou o velho prelado, inclinando-se profundamente, mas antes de partir permiti que vos diga que se o concílio vos declarar infalível, não vos tornará imortal; se tenho os pés na cova, vós tendes, pelo menos, uma das mãos!"

Esse era o ambiente no qual se preparava o terreno para a definição do "dogma da infalibilidade papal em matéria de fé e de doutrina" conforme afirma H. D. pelas colunas do "Estado".

Imaginem se os correspondentes aos quais H. D. se refere e que foram ao Concílio de João XXIII estivessem ao par desses fatos e os tivessem recordado (caso isso lhes fosse permitido, repito, o que não creio) através de imprensa de todos os países!... Qual seria a reação dos católicos, mormente a dos "bons católicos" aos quais H. D. aludiu?

De modo que, se o Concílio Vaticano II, devido, já não à mediocridade, mas à ignorância, e, de um modo geral, à negligência, terminou — antes do tempo previsto e tão melancolicamente, não terminou mal, para a Igreja.